

## Ramón Gómez de la Serna ou o descobridor da América

Livia Grotto\*

**RESUMO:** Segundo Jorge Luís Borges, o escritor espanhol Ramón de la Serna seria o "descobridor da América" no sentido de que a desvelaria cultural e esteticamente para os próprios americanos. O artigo situa o contexto desta afirmação através das revistas da vanguarda argentina *Inicial*, *Proa* e, principalmente, *Martín Fierro*, mostrando um período no qual o jovem Borges reavalia as vanguardas e a sua própria inclusão entre vanguardistas. Percorrem-se, nesse sentido, as opiniões e a homenagem de *Martín Fierro* ao escritor Gómez de la Serna, tido como uma das figuras centrais para as vanguardas hispanoamericanas da década de 1920. Sob essa perspectiva também se retomam os posicionamentos de Borges diante de duas importantes polémicas que ocuparam as páginas de *Martín Fierro* e serviram-se do nome de Ramón: a de Boedo *versus* Florida e a do Meridiano intelectual da América.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jorge Luis Borges, Ramón Gómez de la Serna, vanguarda martinfierrista

**RESUMEN:** Según Jorge Luis Borges, el escritor español Ramón Gómez de la Serna sería el "descubridor de América" en el sentido de que la desvelaría cultural y estéticamente para los propios americanos. El artículo sitúa el contexto de tal afirmación a través de las revistas de la vanguardia argentina *Inicial*, *Proa* y, sobre todo, *Martín Fierro*, dando a conocer un período en el cual el joven Borges reevalúa las vanguardias y su propia inclusión entre vanguardistas. En ese sentido, se revisan las opiniones y el homenaje de *Martín Fierro* al escritor Gómez de la Serna, que estaba considerado una de las figuras centrales para las vanguardias hispanoamericanas de la década de 1920. Bajo esta perspectiva también se retoman los posicionamientos de Borges frente dos importantes polémicas que ocuparon las páginas de *Martín Fierro* y se han servido del nombre de Ramón: la de boedo *versus* Florida y la polémica del Meridiano intelectual de América.

**PALABRAS -CLAVE:** Jorge Luis Borges, Ramón Gómez de la Serna, vanguardia martinfierrista

---

\* Universidade Estadual de Campina (Unicamp)

Antes de mudar-se para a Argentina, Ramón já colaborava com os jornais e revistas do país. Para *Martín Fierro*, periódico quincenal de arte y crítica libre, dirigido por Evar Méndez, enviou textos divulgados a partir de julho de 1925<sup>1</sup>. Antes disso, contudo, seu nome já aparecera em algumas oportunidades, sobretudo na polêmica entre os grupos de Boedo e de Florida, talvez sobreestimada pelo gesto típico da vanguarda de "institucionalizar o escândalo" (SARLO, 1997, p. 225) com o objetivo de atrair o interesse do maior número de espectadores e leitores.

Graças à presença e ao financiamento de *Martín Fierro* por parte de Oliverio Gironde, essa revista guardava um caráter bem diferente do de sua contemporânea *Proa*. Era transgressora, moderna e muito irreverente. Provas disso encontravam-se na própria polêmica entre Boedo e Florida, no uso do "vos" no lugar do "tú", nos epitáfios em forma de quadras dedicados a escritores vivos e aos próprios colaboradores, também no humor dos "Membretes" de Gironde, de estrutura e estilo semelhantes aos das *greguerías* ramonianas.

O estopim da polêmica Boedo versus Florida foi o próprio manifesto da revista, redigido por Gironde e publicado anonimamente no número 4, de 15 de maio de 1924. Depois dele, Conrado Nalé Roxlo se afasta do grupo, mas entram outros colaboradores, decisivos para a revista, como os irmãos Borges e González Tuñón, Ricardo Güiraldes, José Pedroni, Norah Lange, Xul Solar, Francisco Luis Bernárdez, Eduardo Mallea e Macedonio Fernández. Diferentemente das declarações da vanguarda ultraísta espanhola, esse era um manifesto em sentido estrito, não só porque definia uma postura estética, mas devido à intenção de chocar, ao tom crítico e agressivo (GELADO, 2006).

"Frente a la impermeabilidad hipopotámica del 'honorable público'", começava o texto que, desde o início, selecionava um público leitor minoritário, heterodoxo e afeito às novidades (à "NUEVA sensibilidad", à "NUEVA comprensión"). Um público culto e bem-nascido, além disso, a meio caminho entre a América e a Europa, e que apesar do influxo estrangeiro na literatura nacional, nas modas e nas mercadorias, sabia-se argentino: " 'MARTÍN FIERRO' tiene fe en nuestra fonética, en nuestra visión, en nuestros modales, en nuestro oído, en nuestra capacidad digestiva y de asimilación" (GIRONDE, 1924).

---

<sup>1</sup> Gironde foi co-diretor da revista com Evar Méndez, Eduardo Bullrich, Alberto Prebisch e Sergio Piñero entre os números 17 e 36. Antes e depois desse período, a direção era só de Méndez.

A questão nacionalista, de fato um distintivo da vanguarda argentina em relação ao ultraísmo espanhol, já estava presente no título da revista, em homenagem à obra de José Hernández, considerada desde a "Generación del Centenario" de 1910 como o poema épico que inaugurara a tradição literária nacional.<sup>2</sup> No primeiro número de *Martín Fierro*, seu diretor, Evar Méndez, tinha escolhido uma única estrofe do segundo volume do poema de José Hernández – *La vuelta de Martín Fierro* – para representar a proposta independente da revista: "De naidés sigo el ejemplo/ naide a dirigirme viene/ yo digo cuanto conviene". No número duplo 5-6, de junho de 1924, *Martín Fierro* respondia à primeira enquete da revista, proposta no número anterior, sobre o "ser nacional", a "sensibilidad" e a "mentalidade argentina"<sup>3</sup>

Essa ênfase nacionalista instou uma reação do grupo de Boedo, de origem majoritariamente imigrante, com posições ideológicas de esquerda e uma defesa da literatura como forma de engajamento político. A vanguarda argentina dividiu-se em alguns subgrupos, mas a partição entre Florida (rua do centro de Buenos Aires, sede da revista *Martín Fierro*) e Boedo (rua da grande Buenos Aires, situada num bairro operário e imigrante, sede das revistas *Los Pensadores*, *Claridad*, *Extrema Izquierda* etc.) foi a cisão que tornou-se mais conhecida. A oposição refletia, igualmente, dois públicos leitores. De um lado, os cultos e atualizados sobre o que se passava na Europa; de outro, o novo público leitor, proveniente do forte processo educacional, em marcha desde o princípio do século XX.

Roberto Mariani foi quem deu início à polêmica. Em nota do número 7 de *Martín Fierro*, de julho de 1924, critica a "direita literária", representada no seu entender por *La Nación* e *El Hogar*, a "esquerda socialista", cujo órgão seria *Renovación*, e o centro, representado por *Martín Fierro*. Ele, que fazia parte da "extrema esquerda" (colaborava, de fato, com um periódico homônimo), diz-se sem lugar. Além disso, para Mariani, a revista *Martín Fierro*, com ares europeus, não evocava o poema de Hernández que lhe dava título, tampouco tinha voz própria, senão ecos estrangeiros. É nesse contexto que Mariani cita Gómez de la Serna. Ele seria a prova de que os redatores do periódico negavam a sensibilidad nacional: "los redactores de MARTIN FIERRO

<sup>2</sup> A revista repetia o nome de outros periódicos: o do suplemento literário de *La Protesta*, dirigido pelo poeta anarquista Alberto Ghirardo entre março de 1904 e fevereiro de 1905. Depois *Martín Fierro*, com três números, dirigidos por Evar Méndez e publicados entre março e abril de 1919.

<sup>3</sup> No mesmo número do manifesto da revista, n. 4, 15/05/1924, perguntava-se: "1. Cree Ud. en la existencia de una sensibilidad, de una mentalidad argentina, ¿cuáles son sus características?".

se alejan de nuestra sensibilidad (¡comienzan por negarla!) y adhieren a mediocres brillantes como Paul Morand, francés, y Ramón Gómez de la Serna, español [...]" (MARIANI, 1924). A provocação, no número seguinte, é violentamente contestada pela redação, ponto por ponto.

As críticas de Mariani são, nessa circunstância, qualificadas como assertivas e confusas. Como estariam fundadas na declaração de princípios da revista, para contestá-las não era o caso de escrever uma nota secundária, mas de acrescentar um "Suplemento explicativo de nuestro 'Manifiesto'". Nele, Ramón seria uma das "sugestões do momento", capaz de sensibilizar aqueles "argentinos sem esforço", "jovens", segundo a redação, "com verdadeira vocação artística":

Todos tenemos una sensibilidad lo suficiente refinada como para responder a las sugerencias del momento y comprender y amar a escritores como Paul Morand y Ramón Gómez de la Serna y otros a quienes nuestro crítico moteja de 'mediocres brillantes', confundiéndolos en un solo gesto de olímpico desdén" (SUPLEMENTO..., 1924).

A polémica contaria com páginas mais aguerridas em outras revistas, como *Los pensadores*, espaço reclamado por Mariani e recém fundado para os escritores da extrema esquerda. De tempos em tempos, nela aparecerão ataques ao artificialismo, ao cerebralismo e à falta de compromisso social dos "martinfieristas-ultraístas", cujo herói espanhol seria Gómez de la Serna.<sup>4</sup> *Martín Fierro* revidaria pouco a pouco. Em outubro/novembro de 1924, através de Sergio Piñero, que publica suas "Greguerías criollas". Alguns meses depois, elas seriam reprovadas nas páginas da revista *La Campana de Palo* por Luis Emilio Soto (1925), indignado com a incrível penetração do gênero ramoniano na Argentina e com a falta de originalidade dos que o imitavam.

Mesmo assim, no número 16, *Martín Fierro* retoma a bandeira ramoniana ao anunciar com grandes letras na parte inferior da primeira página: "Próximamente: Una 'PROCLAMA', a la juventud intelectual argentina, por RAMON GOMEZ de la SERNA". Finalmente, o número

---

4 Sarlo (1997) caracteriza Ramón como um "herói moderado" da vanguarda, ao lado de Carriego. Para o combate contra Florida e Ramón, ler, p. e., sempre em *Los pensadores*: [Redacción], "Los capuchinómanos o la culminación de la imbecilidad", n. 112, jul. 1925, p. 1; Juan L. Cendoya, "La nueva generación", n. 113, ag. 1925, p. 7-8 ou [Redacción], "Aviso Fúnebre por la muerte de *Martín Fierro*", n. 119, mar. 1926, p. 22. Excertos desses artigos foram compilados por Bastos (1974).

19 da revista rivalizaria com Boedo ao homenagear o escritor que resumia as propostas "del arte nuevo". Assim, em julho de 1925, uma edição especial lhe é dedicada.

Antes, entretanto, de a homenagem ser publicada, a redação recebe um telegrama informando que a viagem que Ramón havia programado tinha sido postergada. O "banquete em movimento" que vinha sendo preparado para recebê-lo – um caminhão-restaurante passeando pelas ruas de Buenos Aires, com direito a paradas para a leitura de discursos – é cancelado, mas o número especial não deixa de vir à luz. A "frustrada bienvenida", pois segundo as palavras anônimas da revista "Ramón era el episodio más urgente que precisaba la ciudad", incluía texto e desenho de Gironde, um artigo de Güiraldes. No ensaio do arquiteto Alberto Prebisch, Ramón seria mesmo comparado com Picasso, pois teria mudado a sensibilidade literária argentina, de modo semelhante ao que o pintor havia feito nas artes plásticas. "Mirando los cafetines saturados de humo y de tango de la calle Corrientes" – imaginava Prebisch – "Ramón sabrá decirnos mejor que Don Ricardo Rojas, el rumbo de nuestros destinos". Também fizeram parte da homenagem novas *greguerías* de Sergio Piñero e um poema de Alberto Hidalgo. Entre as "Cinco jácaras pombianas" de Francisco Luis Bernárdez estava a seguinte: "Las gafas de Borges y mis gafas robaron azogue en los espejos de Pombo y ahora comienzan a refractar la luz de la vida". A última jácara prescrevia que Ramón seria o responsável pela terceira e definitiva fundação de Buenos Aires.

A homenagem ainda continha desenhos anônimos como o intitulado "Ramón, conferenciante, en el circo" ou o que o ilustrava durante uma palestra sobre os faróis. Reuniam-se fotos do escritor lendo para a sua boneca de cera em tamanho natural e de seu quarto. Ainda havia artigos de Brandán Caraffa e de Macedonio Fernández<sup>5</sup>, além de "Gringuerías..." à maneira de Gómez de la Serna, elaboradas por Arturo Cancela. Na "Balada de los cretinos", o diretor Evar Méndez servia-se de Ramón para criticar o grupo de Boedo. No "Parnaso satírico", os versos do "Epitáfio a Ramón", assinados com as iniciais do mesmo Evar Méndez, tinham objetivos semelhantes: "La muerte que desencuaderna/ Te ha tornado un Gómez más/ Sin "RAMÓN", ni "de la Serna".../ Pero alégrate: aquí estás,

5 Gropp (2002), lembra que com exceção de Macedonio, a homenagem não comenta nem apresenta a obra de Ramón. Ela representaria, desse modo, mais manifesto e balanço do que acercamento crítico.

[...]/ Más nunca descansarás,/ Pues tu enorme cráneo roto/  
Han de hurgar todos los días./ Para formar alboroto/O  
encontrarles porquerías./ Mariani. Barletta y Soto".

O próprio Gómez de la Serna (1925) enviaria uma saudação para *Martín Fierro*. Nela, descreve quem encontraria naquela cidade que teria marcado a sua perspectiva e que sempre quis conhecer (um desejo, a propósito, expresso desde 1924, numa resenha sobre *Fervor de Buenos Aires*). Cita, em primeiro lugar, Borges. Depois estariam Güiraldes e, mais à frente, Gironde e Hidalgo.

Borges também colabora na homenagem com o texto "Para el advenimiento de Ramón". Advento misterioso, que não excluiria a conotação religiosa, nem a distância entre o autor da crítica e o seu objeto de análise, pois Gómez de la Serna é descrito com enaltecimento excessivo. As primeiras linhas são estrondosamente elogiosas e se tornam levemente ambíguas na transição para o 12 de outubro, data do descobrimento da América que seria transferida para agosto de 1925 com a chegada de Ramón:

De cierto genovés (que para congraciarse con Paco Luis, nació a medias en la Coruña) dicen que descubrió el continente [Cristóbal Colón]. Se ha exagerado mucho en la cosa. Carriego descubrió los conventillos, Bartolomé Galíndez el Rosedal, yo las esquinas de Palermo con instalación de puesta de sol, Lanuza cualquier pájaro. De Luis María Jordán se afirma que es el inventor de la siesta. La entereza de América, sin embargo, está por descubrir y el descubridor ya es Ramón y el doce de octubre de veras caerá este año en agosto. (BORGES, 1925d)

Tal como assinalamos antes, Prebisch afirmava que o escritor espanhol ditava a sensibilidade argentina e Bernárdez, numa de suas jácaras, aludia à terceira fundação de Buenos Aires, que seria implementada por Ramón. Borges vai mais longe: ao referir-se à fundação do continente, conclui que seria desmesurada a crença de que Colón/Colombo era o seu descobridor, pois Ramón o desvelaria em sua integridade. Essa grandeza tinha certo tom de disparate, como os elaborados por Ramón, sobretudo se comparada com as miudezas reveladas por Carriego, por Galíndez, Lanuza ou Jordán, também pelo próprio Borges, caminhante solitário do bairro de sua infância.

O corpo do pequeno ensaio, redigido com as enumerações que um dia fariam famoso a Borges, lista tudo aquilo que seria revelado por Ramón. O fim do texto compara-o com o controverso ditador Juan Manuel de Rosas. Essa conclusão pareceria um passo atrás se nessa época Borges não realizasse uma reapreciação paralela de figuras históricas, como a de Estanislao del Campo, escritor e militar, e a do próprio Rosas: "Todo eso y mucho más ha de revelarnos Ramón, el hombre de los ojos radiográficos y tiránicos, sólo asemejables a los que tuvo ese otro debelador de esta América: don Juan Manuel de Rosas" (BORGES, 1925d).

Nesse período *criollista* de Borges, Rosas representava o emblema de uma Argentina profunda e de uma realidade primordial, em oposição às pretensões civilizatórias de Domingo Faustino Sarmiento. Sua derrota em 1852 teria acelerado o processo de destruição do mundo *criollo*. No ensaio "El tamaño de mi esperanza", Borges (1995, p. 15) concluiria: "Nuestro mayor varón sigue siendo don Juan Manuel: gran ejemplo de fortaleza del individuo, gran certidumbre de saberse vivir, pero incapaz de erigir algo espiritual, y tiranizado al fin más que nadie por su propia tiranía y su oficinismo" <sup>6</sup>. No poema "Rosas", incluído na primeira edição de *Fervor de Buenos Aires*, o autor já tinha absolvido as mortes perpetradas por aquele nome "familiarmente horrendo": "Famosamente infame/ese nombre fue desolación en las casas,/ idolátrico amor entre el gauchaje/ y horror de puñaladas en la historia./ Hoy el olvido borra su censo de muertes,/ pues que son parciales los crímenes/ si los cotejamos con la fechoría del Tiempo [...]" (BORGES, 2009, p. 88) <sup>7</sup>.

Nas boas-vindas de Borges ao escritor espanhol, a comparação com Rosas é, portanto, positiva. Os "olhos radiográficos" de Ramón - lugar comum cristalizado pela vanguarda e sem sombra de dúvidas elogioso - são equiparados aos do ditador argentino. Mesmo assim, Borges realiza um desvio sutil ao emprestar a Rosas a parcela positiva que encontra em Ramón. Ao tirânico associa o radiográfico; ao ditador, o escritor. A partir desse texto, além disso, o "descobridor" das facetas insuspeitas da arte, autêntico e até então singular, tem uma imagem com a

6 O elogio a Rosas não deve ser dissociado da admiração por Hipólito Yrigoyen, citado em "Para el advenimiento...". Os dois são cotejados em "Queja de todo criollo" (BORGES, 2004, p. 142-5). Borges era descendente do general Rosas, embora também tivesse antepassados que lutaram contra o ditador, cf. Pereira Lahitte, 1981.

7 Versos de 1923. Mais tarde, o escritor será anti-rosista. Para mais detalhe sobre a posição de Borges nos anos 20 e a fabricação de sua história familiar, cf. Miceli, 2007.

qual pode ser confrontado. Diante do parâmetro, Ramón é igualmente "debelador", com a carga de domínio bélico que esse termo conserva. Apesar de reconhecer seu mérito, Borges parece incomodado com o lugar ocupado pelo "maestro".

Era novo o exame de Borges a respeito de Ramón, levemente irônico, embora pudesse ser pressentido na própria *Martín Fierro*, em número anterior à homenagem, quando resenhou o livro de poemas de Gironde, *Calcomanías*. Suas observações, apesar de afáveis, terminavam de modo ambíguo, ao pretender fixar em Gironde a influência de Ramón, quase como uma imputação mal colocada, mas obrigatória de acordo com os costumes críticos: "Es achaque de críticos el prescribirlles una genealogía a los escritores de que hablan. Cumpliendo con esta costumbre, voy a trazar el nombre, infalible aquí, de Ramón Gómez de la Serna [...]" (BORGES, 1925b)<sup>8</sup>.

Pouco tempo depois, em 1926, a sugestão do final dessa resenha ganharia mais clareza em um dos prefácios do *Índice de la nueva poesía americana*. Hidalgo expunha, então, que Gironde ficara excluído da antologia por ser um imitador de Ramón. Em 1941, o próprio Ramón, num retrato elogioso dedicado a Gironde, reverteria a crítica de Borges – e indiretamente, a de Hidalgo – ao reproduzir quase todo o artigo de *Martín Fierro/ Inquisiciones sobre Calcomanías*, sem a transcrição de alguns versos e sem a parte final, citada acima, onde ele próprio fora mencionado. Dessa forma, Ramón limava as palavras incômodas de Borges, conservando, segundo sua própria expressão, somente a parte de "crítica entusiasta" (GÓMEZ DE LA SERNA, 2004, p. 107 e ss.)<sup>9</sup>.

A ação de excluir um trecho de um texto borgeano da década de 1920 e mudar a sua valoração era razoavelmente simples devido aos vai-e-vens do autor, para os quais alertou Néstor Ibarra (1930, p. 43-4), no primeiro estudo crítico que lhe foi dedicado. Segundo Ibarra, os poemas e a prosa daquela época, incoerentes, altamente especializados e repletos de mudanças de tom, condenavam-no a ser um escritor de minorias.

<sup>8</sup> Em conversas privadas Borges sustentará, ao longo de toda a vida, a superioridade criativa e de recursos de Ramón frente a Gironde. Cf., p. e., Bioy Casares, 2006, p. 208, 1239, 1326.



Os vai-e-vens não se circunscreviam às unidades textuais, mas caracterizariam, outrossim, o conjunto de textos divulgados naquele período. As idas e vindas não se restringiam a Ramón ou Gironde, mas abrangiam o papel das imagens e das metáforas, assim como a sua própria inclusão na vanguarda e entre vanguardistas. *Proa e Martín Fierro*, apesar de representarem duas das mais importantes revistas da vanguarda argentina, coincidem com um momento em que Borges, fervorosamente ultraísta na Espanha, começa a hesitar, mesmo que pouco tempo antes e, contraditoriamente, tenha emprestado ao movimento argentino uma faceta mais clara e programática do que a desenhada pelo movimento espanhol. No ensaio "Después de las imágenes", por exemplo, publicado em *Proa* em dezembro de 1924, no mesmo número em que constava a carta que Ramón lhe havia endereçado anunciando a visita a Buenos Aires, Borges reavalia a função das metáforas e das imagens, indicando que elas já não eram o bastante em poesia.

### Reavaliações

Borges sublinha um desengano com relação à vanguarda em "La traducción de un incidente", ensaio publicado na revista *Inicial* em maio de 1924 e incluído em *Inquisiciones* no ano seguinte. Recordando as disputas entre os dois mestres espanhóis, suas críticas eram dirigidas aos seguidores tanto de Cansinos Assens, quanto de Ramón. Nesse ensaio, além disso, já se podia entrever o incômodo que sentia pelo fato de Ramón ter triunfado sobre Cansinos – as "travessuras leves" sobre as "austeras lamentações"; a greguería sobre o salmo. Situava-se, além disso, entre os marginalizados da arte e se autorretratava como o único frequentador do café Colonial, do qual, no entanto, também se afastaria por causa da distância entre a Argentina e a Espanha:

---

9 No ano anterior, Ramón tinha dedicado suas Greguerías (Buenos Aires, Espasa-Calpe) a Oliverio Gironde. Todas as edições subsequentes conservariam a mesma dedicatória.

Las travesuras leves abaten las austeras lamentaciones; la greguería ha quebrantado el salmo y los paladeadores de apasionadas imágenes que fervorizaban antaño junto a la sombra luminosa de Cansinos Assens, hoy aventuran chascarillos en Pombo. A las veladas y a la orientación de Cansinos – ya de hombres graves que el desengaño hizo ribereños del arte – no acuden otros jóvenes que yo, regresado eventual a quienes esconderán mañana las leguas.

O balanço negativo em relação ao ultraísmo direcionava-se, em "La traducción de un incidente", para um balanço negativo sobre as vanguardas em geral. A partir desse momento, Borges estaria mais centrado no seu projeto *criollista*, logo aprovado por seus companheiros *martinfierristas*. Primeiro por Sergio Piñero (1925), a essa altura co-diretor da revista *Martín Fierro*, em nota crítica sobre Inquisiciones: "Creo que no es necesario referirse al lazo, al rodeo, ni a los potros para ver manifestar el alma gaucha". Depois, por Leopoldo Marechal (1925), em nota sobre o segundo livro de poemas do autor, *Luna de enfrente*: "un criollismo nuevo y personal, un modo de sentir que ya estaba en nosotros y que nadie había tratado". Finalmente, uma nota de Francisco Luis Bernárdez (1926), discorrendo sobre *El tamaño de mi esperanza*: "para radicarse definitivamente en su patria, que es la nuestra, en su esperanza, que es la de todos los criollos de hoy, y en su ambición, que también compartimos los que formamos su generación".

No ensaio "La traducción de un incidente", Borges aprofunda, portanto, a crítica ao ultraísmo, invertendo lugares comuns. Reconhece o trágico em Ramón e as "sospechas de juego" em Cansinos. Mostra, assim, que não eram personagens opostos, mas focaliza o que a juventude via em ambos: figuras apartadas pela inimizade e pelas disputas, porque representariam dois tipos de estética, duas famílias literárias. É justamente nesse senso comum construído sobre eles que Borges encontra o seu problema. O "incidente" que traduzia não era isolado e ocorria, segundo ele, em todas as partes onde a vanguarda perdia substância por deter-se "em algazarras inúteis". Os leitores, bem avisados, nem precisavam ser advertidos sobre a alusão indireta à polêmica entre Boedo e Florida.

Poucos meses depois, Borges escreve outro ensaio – "Sobre um verso de Apollinaire" – no qual a vanguarda sofre novo revés. Como se quisesse clausurar o ciclo aberto com as proposições do ensaio-manifesto "Ultraísmo", publicado em *Nosotros* em 1921, esse texto de março de 1924 é igualmente publicado em *Nosotros*. Nele, Borges recorre à dialética com que Apollinaire havia construído o poema "La Jolie Rousse" de *Calligrammes*: a tradição e a ordem contrapostas à invenção e à aventura. Retoma, também dessa forma, a previsão que em 1921 Ortega y Gasset fizera diante dos convivas de Pombo e dos jovens ultraístas, anunciando o fim daqueles tempos, prontamente superados por novas revoluções e novas ordens.

Refuta, então, o novo como valor, chegando a atribuir certo oportunismo aos movimentos do começo do século XX, uma vez que a ruptura promovida por eles contaria com uma necessidade intrínseca do tempo, "simpático de antemão". Destaca, além disso, que o ultraísmo incorrera numa retórica, objetável como qualquer outra: "El ultraísmo, que lo fió todo a las metáforas y rechazó las comparaciones visuales y el despacible rimar que aún dan horror a la vigente lugonería, no fue un desorden, fue la voluntad de otra ley" (1995, p. 77)<sup>10</sup>. Seu incômodo principal era, nesse sentido, o fato de os escritores de vanguarda estarem irmanados por uma lei que reduziria o projeto pessoal de cada um deles.

A vanguarda surge, pois, como uma prisão que seria anulada, não obstante, pelas faculdades do tempo que, cedo ou tarde, faz *tabula rasa* dos "tateadores", dos "precursores" e da "gente promissora", deixando em relevo somente aqueles que acrescentaram alguma "aventura" verdadeiramente individual ao exercício do "belo" (1995, p. 77). É dessa forma que Borges se adianta à renovação constante trazida pelo tempo, tempo esse que, previsivelmente, encontraria noutra geração o começo de novos valores e hierarquias. Se no futuro o belo seria percebido sem causalidades e a boa arte, sem precedentes, nada melhor do que enveredar pelo caminho feito só à sua imagem. Apesar de seu *criollismo* convocar a tradição nacionalista argentina, a faceta cosmopolita e, ao mesmo tempo, rio-platense, parecia suficientemente inovadora para que fosse trilhada sem influências.

---

<sup>10</sup> "Lugonería" refere-se de forma irônica à obra de Leopoldo Lugones.

Se a vanguarda era atacada por propor mestres e precursores, parecia óbvio, assim, que Ramón também o fosse. O que se verifica, entretanto, é uma defasagem entre as críticas destinadas à vanguarda e o distanciamento com relação a Gómez de la Serna, provavelmente devido à notoriedade deste último, difícil de ser contestada. "Para el advenimiento de Ramón", o texto entre elogioso e ambíguo que Borges publicara na homenagem de *Martín Fierro*, semeava dúvidas o bastante para que não fosse conclusivo.

#### Outros vai-e-vens: Ramón, segundo Borges

Na revista *Martín Fierro* de janeiro de 1925, Borges havia escrito uma resenha laudatória do livro *La Sagrada Cripta de Pombo*. Tratava Ramón como o maior dos três "grandes Ramones", retomando o elogio de Jarnés publicado em *Proa*. Comparava as enumerações ramonianas com as de *La Celestina*, Rabelais, Burton e Whitman, aludindo ao "sentido da tarefa de Ramón" como equivalente ao signo da rosa dos ventos. Nada de tirânico ou debelador, senão adjetivos que Borges mais tarde perceberia como adequados para si: inventariante do mundo e "ouro nativo". Ramón seria o que chega à plenitude e à integridade a partir de relâmpagos: "puntales atisbos"/clarões pontuais" (BORGES, 1925d).

Nesse momento, Borges utilizaria, além das palavras-chave do sistema literário que construiria para si - "atlas", "cosmorama", "inventário" - "este concepto que daría el título a su famosísima narración de 1949", "El aleph" (VIDELA RIVERO, 1999, p. 251). Não esqueceria nem mesmo a "Enciclopédia" e o "Livro", registrados com maiúsculas: "*La sagrada cripta de Pombo* es el más reciente volumen de la verídica Enciclopedia o Libro de todas las cosas y otras muchas más que Ramón va escribiendo". Em suas páginas "preclaras" - continuava Borges - estariam Diego Rivera, Ortega y Gasset, Gutiérrez Solana, Julio Antonio, Alberto Guillén. Também um "ya perdido Jorge Luis Borges lleno de reticencias y cavilaciones posibles".

O tempo de distanciamento, apesar de previsto, ainda não havia chegado. Há hesitações com relação à atitude a assumir perante a figura de Ramón. Borges, afinal, pareceria demasiado inconveniente ao divergir das opiniões que o cercavam. Diante das duas resenhas para *Martín Fierro* – a de janeiro, elogiosa, e a de julho, levemente irônica – opta por incluir a primeira no livro cujo título, apesar dos julgamentos favoráveis em relação a Ramón, sugere os combates estéticos sustentados naquele ano de 1925: *Inquisiciones*. No mesmo período, um extrato da revista *Nosotros* e outro de *Proa* ainda testemunhariam a sua admiração por Ramón.

Assim, em abril de 1925, rechaça o *Lunario sentimental* de Lugones dizendo:

Yo quiero agradecerle a Lugones el habitual deleite que *El Solterón* y la *Químera Lunar* y alguna estrofa suelta [...] siempre me regalaron; pero ni sufro sus rimas ni me acuerdo del tétrico enlutado ni pretendo que sus imágenes, divagadoras siempre y nunca ayudadoras del pensar, puedan equipararse a las figuras orgánicas que muestra Gómez de la Serna y Rafael Cansinos Assens. (BORGES, 1997, p. 208)

Em *Proa*, ao comentar o *Ulysses* de James Joyce, não apenas elogia a percepção que Ramón tem das coisas, mas confessa-se um leitor assíduo. Mais de uma década depois, Borges voltaria a escrever sobre Joyce em pelo menos quatro oportunidades, duas na revista *Sur*, duas em *El Hogar*. Embora repetisse alguns gracejos – como o de que nunca chegou a ler todo o *Ulysses* – esquece-se de Ramón. Por enquanto, em 1925 e em *Proa*, sua avaliação é a seguinte:

La dualidad de la existencia está en él [Ulises]: esa inquietación ontológica que no se asombra meramente de ser, sino de ser en este mundo preciso, donde hay zaguanes y palabras y naipes y escrituras eléctricas en la limpidez de las noches. En libro alguno – fuera de los compuestos por Ramón – atestiguamos la presencia actual de las cosas con tan convincente firmeza. Todas están latentes y la dicción de cualquier voz es hábil para que surjan y nos pierdan en su brusca avenida. (Borges, 1925a)

Quatro meses depois, Guillermo de Torre (1925) traça um balanço do ultraísmo em *Proa*. Juan Ramón Jiménez, Cansinos e Ramón são os objetos de sua reflexão. No número seguinte da revista, um retrato de Ramón feito por Vázquez Díaz é acompanhado pelo texto do poeta argentino José Soler Darás (1925), que repete, diante do autor complexo e que suscita múltiplas perspectivas, "¿cómo hacer y por dónde empezar para hablar de Gómez de la Serna?". Um dos diretores da revista, Brandán Caraffa (1925), imagina a vinda de Ramón pelo mar, também pelo rio Amazonas, tão latino-americano <sup>11</sup>.

Deslocado em relação a seus companheiros, em dezembro de 1925, Borges analisa dois versos de *El Quijote*. Verifica exclamativo a expressão "El dulce sueño" e aponta Cervantes como "greguerizador antiquíssimo" (BORGES, 1925). A admiração vinha a propósito de Cervantes, pois com alguma discrição, era a este que atribuía a prerrogativa do gênero "greguería", requerido por Ramón e que, assim, era ironizado pela falta de originalidade e pela suposta repetição de procedimentos do Século de Ouro. Finalmente, em janeiro de 1926, Borges assume que o projeto de unir os jovens numa única frente de batalha tinha terminado. Divulga, assim, uma carta em que agradece a empreitada de *Proa*, quando eram "diez, veinte, treinta creencias en la posibilidad del arte y la amistad". Entre essas "crenças" estava Ramón, para quem dá as boas-vindas dizendo, com ares de Macedonio Fernández e dez anos antes da mudança definitiva do escritor espanhol para a Argentina, "Ramón, el Recienquedado y Siemprevenido" (BORGES, 1926).

### O meridiano intelectual

Apesar de Ramón não ter conseguido multiplicar a sua presença em *Martín Fierro* como chegou a almejar (RAMÓN..., 1926), foi objeto de comentários nos números 42 e 44-45, de junho de 1927 em diante, quando as páginas da revista reagem à polêmica originada pelo editorial anônimo da revista espanhola *La Gaceta Literaria*. Hoje sabe-se que o texto era de Guillermo de Torre, secretário da revista até meados de 1927. O título, "Madrid, meridiano

11 Nos ns. 14-15, de janeiro de 1925, Raúl González Tuñón dedica a Soler Darás um dos "Epitafios" da revista: "Aquí está Soler Darás/ greguerizando en un nicho;/ Dios al verlo le habrá dicho:/ Soler, de qué te las das?".

meridiano intelectual de Hispanoamerica", resumia o desconforto dos *martinfierristas* que eram confrontados com interesses editoriais segundo os quais a "América de língua espanhola" deveria se mostrar aberta à produção da Península. O olhar dos intelectuais, artistas e estudantes – afirmava o editorial de *La Gaceta* – voltava-se para a Itália, a Inglaterra, os Estados Unidos e sobretudo para Paris, quando deveria ser atraído por Madri, o verdadeiro meridiano entre a América e a Europa. Os territórios "hispanoparlantes", afinal, sempre teriam sido considerados uma "prolongación del area española". Nada mais natural que Madri fosse, portanto, a sua "geografía espiritual", "punto convergente del hispanoamericanismo equilibrado, no limitador, no coactivo, generoso y europeo"; cidade da "comprensión leal" e da "fraternidad desinteresada" (DE TORRE, 1927, p. 1).

O episódio do meridiano assinala de uma vez por todas um conflito antigo, avaliado por vários escritores argentinos do século XIX e, ainda assim, latente em diversos textos do Borges desse período, assim como em várias páginas da revista *Martín Fierro*: o dos temas, formas e gostos estrangeiros que se interpunham aos nacionais-argentinos. A partir desse momento, finalmente, o ultraísmo argentino já não podia identificar-se com o ultraísmo espanhol.

Essa consciência do próprio em relação ao alheio também reforçaria a ideia de um idioma literário que fosse unicamente argentino, exposta por Borges na conferência "Sobre el idioma de los argentinos", proferida no Instituto Popular de Conferencias em setembro de 1927, reproduzida em *La Prensa*, nos *Anales del Instituto Popular de Conferencias*, no livro *El idioma de los argentinos* e, como não podia deixar de ser, também em *La Gaceta Literaria de Madri* (n. 38, 15/07/1928). Não parece exagerado observar, nesse sentido, que um eco da polêmica do meridiano poderia ser ouvido em frases muito posteriores do autor, como na conferência da década de 1950 incluída na segunda edição de *Discusión*, "El escritor argentino y la tradición": "la historia argentina puede definirse sin equivocación como un querer apartarse de España" (BORGES, 2009).

Se a posição de Guillermo de Torre em *La Gaceta Literaria* não distava muito daquela expressada na "Carta abierta a Evar Méndez", publicada em duas partes na própria *Martín Fierro* (números 18 e 19, de junho e julho de 1925) e para a qual não houve reação, desta vez os integrantes da revista pareciam mais seguros e tinham algo a esclarecer sobre o lugar ocupado pela nacionalidade e pela cultura argentina. Para alguns *martinfierristas*, além disso, era a hora de se posicionar frente à nova vanguarda espanhola que passava a ter um bom lugar de representação nas páginas de *La Gaceta Literaria*. Não se tratava dos "velhos" ultraístas – companheiros de Borges – mas do grupo que muito mais tarde se convencionou chamar de "Generación del 27".

No número 42 de *Martín Fierro* opinaram, entre outros, Pablo Rojas Paz, Ricardo Molinari, Pereda Valdés, Santiago Ganduglia, Scalabrini Ortiz e Lisardo Zia, todos eles agrupados pela enquete "Un llamado a la realidad". Nicolás Olivari (1927), particularmente, encontraria no percurso de Borges uma saída para a influência arvorada por de Torre: "Jorge Luis Borges después de haberse pasado al cuarto a todos los españoles por su saber hispano y por su valer hispano, se ha juntado con nosotros y enarbola nuestro criollismo, robusto y contundente, como un golpe de furca". O Borges *criollo*, desse ponto de vista, descenderia do ibérico por seu "saber" e "valor", mas superaria o hispânico por desobedecer à tradição de partida. O argentino seria, portanto, o resultado de uma ruptura.

No mesmo número, o próprio Borges oferece uma resposta cortante e depreciativa para a contenda. Finalmente a polêmica do meridiano seria o último impulso de que necessitava para posicionar-se de uma vez por todas contra Ramón. Ataca, pois, o modelo que antes era venerado por *Martín Fierro* graças à sua própria intervenção e propaganda. Em linhas gerais, seu artigo registra que a "nova geração" que convidava a Argentina a estabelecer em Madri o meridiano intelectual seguiria de forma acrítica e filial a anterior, cujo baluarte seria Ramón, acompanhado de Ortega e de Valle-Inclán. O pleito daqueles poetas sem criatividade não seria novo, mas ditado:



El destino de esa nueva generación española es cosa de asombro. Juventud honesta y filial, el argumento permanente de su inquietud es la generación anterior. ¡Qué alegría verla vivir! ¡Qué altruismo para festejar el coche de Ortega y la estilográfica de Ramón y el otro brazo que plagia, de Valle-Inclán! Ese cuartelazo del meridiano intelectual, ¿quién se le habrá dictado?

Em seguida, Borges desfia a lista das incompatibilidades entre espanhóis e argentinos. Dentre elas, sublinha o absurdo de um país que vive sob uma ditadura (Primo de Rivera, 1923–1930), diferentemente da Argentina, presidida por Hipólito Yrigoyen. Ataca o oficialismo e academicismo que predominariam em Madri, o purismo castiço dos "galicismos" e a baixa "elaboração intelectual" das *greguerías*. Finalmente, a ambiguidade que vinha se desenhando no ensaio "Para el advenimiento de Ramón" dá lugar ao desprezo. Ramón, autor de romances, novelas, ensaios, contos e de uma infinidade de gêneros novos, mas cuja produção de *greguerías* o fez famoso e popular, fica reduzido a elas. Operação semelhante é aplicada à cidade de Madri:

Madrid no nos entiende. Una ciudad cuyas orquestas no pueden intentar un tango sin desalmarlo; una ciudad cuyos estómagos no pueden asumir una caña brasileña sin enfermarse; una ciudad sin otra elaboración intelectual que las greguerías; una ciudad cuyo Irigoyen es Primo de Rivera; una ciudad cuyos actores no distinguen a un mejicano de un oriental; una ciudad cuya sola invención es el galicismo – a lo menos, en ninguna otra parte hablan tanto de él –; una ciudad cuyo humorismo está en el retruécano; una ciudad que dice "envidiable" para elogiar ¿de dónde va a entendernos, qué va a saber de la terrible esperanza que los americanos vivimos? (BORGES, 1927)

Neste mesmo número de *Martín Fierro*, republica-se uma nota burlesca que já havia sido impressa em *La Gaceta Literaria*. Escrita por Borges e Carlos Mastronardi e assinada com o pseudônimo jocoso "Ortelli y Gasset", ridicularizava a discussão do meridiano com o recurso ao texto que caricatura os tons da fala portenha e do lunfardo: "Aquí le patiamo el nido a la hispanidá y la escupimo el asao a la donosura y le arruinamo la fachada a los garbanzelís".

Gómez de la Serna, membro da redação de *La Gaceta Literaria*, tenta pacificar a discussão em setembro de 1927. Mas o clima era exaltado, apesar de a revista espanhola conservar o humor, tal como atesta a longa manchete esportiva dedicada à enquete: "Un debate apasionado. Campeonato para un meridiano intelectual. La selección argentina *Martín Fierro* (Buenos Aires) reta a la española *Gaceta Literaria* (Madrid). *Gaceta Literaria* no acepta por golpes sucios de *Martín Fierro* que lo descalifican. Opiniones y arbitrajes".

Ramón procura retirar a importância do debate: "No creo que merezca ningún cuidado esa actitud de algunos jóvenes argentinos". Discorda que na Argentina pudesse existir um idioma que fosse incompreensível para os espanhóis. Seria, na verdade, "inconsciencia de algunos espíritus confusos" querer se afastar não só da Espanha, mas de todo o resto da América que fala espanhol. Diz, finalmente, querer ser respeitoso, sem agravar a questão, pois escreve de bom grado em *Martín Fierro*, editada no país cuja "luz meridional [...] entiende con comprensión milagrosa y extensa" a língua na qual ele próprio nascera<sup>12</sup>.

Para Nicolás Gropp (2002), a duração de *Martín Fierro* teria marcado a "emergência e queda" do "totem" Ramón Gómez de la Serna, devido, principalmente, à sua resposta à questão do meridiano, caracterizada pelo estudioso como o "único incidente" com a vanguarda martinfierrista. Isso apesar de Ramón ter se manifestado quase sem se posicionar, dividido que estava entre as solicitações de Madrid e as contribuições para *Martín Fierro*. Segundo Beatriz Sarlo (1981, 1997), a construção formal de Ramón era uma das linhas de confluência da estética borgeana da década de 1920, ao lado do populismo urbano do poeta argentino Evaristo Carriego. A partir do meridiano, efetivamente, Borges passaria a desconstruir esse totem, embora seguisse enviando algumas cartas ao antigo mestre<sup>13</sup>.

12 *La Gaceta Literaria*, n. 17, 01/09/1927, p. 3, 6. Nas páginas de *La Gaceta*, a polémica se estende até o n. 34, de 15/05/1928. A repercussão americana se deu em *Crítica*, *El Hogar* e *Nosotros* de Buenos Aires, *La Pluma* e *Cruz del Sur* de Montevideu, assim como em *Orto*, de Manzanillo, Cuba. A respeito do debate, assim como para um aprofundamento da oposição terminológica suscitada por de Torre entre "Hispanoamérica" e "Latinoamérica", consultar González Boixo (1988).

## Referências

- BARY, D. En torno a las polémicas de vanguardia. In: *Movimientos literarios de vanguardia en Iberoamérica*, México: ILLI; Universidad de Texas, p. 23-9, 1965.
- BASTOS, M. L. *Borges ante la crítica argentina, 1923-1960*. Buenos Aires: Hispamérica, 1974, 356p.
- BERNÁRDEZ, F. L. Un Borges entrecasa, *Martín Fierro*, n. 33, p. 8, sep.1926.
- BIOY CASARES, A. *Borges*. ed. de Daniel Martino, Buenos Aires: Destino, 2006, 691p.
- BORGES, J. L. Carta a Güiraldes y a Brandán en una muerte (ya resucitada) de Proa, *Proa*, n. 15, en. 1926.
- \_\_\_\_\_ Ejercicio de análisis, *Proa*, n. 14, dic. 1925.
- \_\_\_\_\_ *El idioma de los argentinos*. Madrid: Alianza, 1998.
- \_\_\_\_\_ El Ulises de Joyce, *Proa*, n. 6, en. 1925a.
- \_\_\_\_\_ El último libro de Joyce, *El Hogar*, n. 1548, p. 25, 16/06/1939.
- \_\_\_\_\_ Fragmento sobre Joyce, *Sur*, n. 77, p. 60-2, feb. 1941.
- \_\_\_\_\_ James Joyce, *El Hogar*, n. 1425, p. 36, 05/02/1937.
- \_\_\_\_\_ Joyce y los neologismos, *Sur*, n. 62, p. 59-61, nov. 1939.
- \_\_\_\_\_ Oliverio Gironde, Calcomanías, *Martín Fierro*, n. 18, 26/06/1925b.
- \_\_\_\_\_ Para el advenimiento de Ramón, *Martín Fierro*, n. 19, 18/07/1925c.
- \_\_\_\_\_ Ramón y Pombo, *Martín Fierro*, n. 14-15, 24/01/1925d.
- \_\_\_\_\_ Sobre el meridiano de una gaceta, *Martín Fierro*, n. 42, 15/06-15/07/1927.
- \_\_\_\_\_ *El tamaño de mi esperanza*. Madrid: Alianza, 1995, 154p.
- \_\_\_\_\_ *Inquisiciones*. Madrid: Alianza, 2004, 178p.
- \_\_\_\_\_ *Obras completas I*. Anotada por Costa Picazo e Irma Zangara, Buenos Aires: Emecé, 2009.
- \_\_\_\_\_ *Textos recobrados 1919-1929*. Barcelona: Emecé, 1997.
- CARAFFA, B. [originalmente apenas as iniciais B. C.]. Ramón a Buenos Aires, *Proa*, n. 11, p. 54-5, jun. 1925.
- SCHWARTZ, J. Gironde & Ramón. *Vanguardia e cosmopolitismo: Oliverio Gironde e Oswald de Andrade*, São Paulo: Perspectiva, 1983.

SOLER DARÁS, J. Definición de Gómez de la Serna por medio de una langosta o el lírico despachurrado, *Proa*, n. 11, p. 3-11, jun. 1925.

DE TORRE, G. [originalmente anónimo]. Madrid, meridiano intelectual de Hispanoamerica, *La Gaceta Literaria*, n. 8, p. 1, 15/04/1927.

\_\_\_\_\_. Márgenes del ultraísmo. Esquema para una liquidación de valores, *Proa*, n. 10, p. 21-9, mayo 1925.

FERNÁNDEZ MEDINA, N. Ramón Gómez de la Serna en Buenos Aires: "La ciudad más elegante y cortés de América", *Boletín Ramón*, n. 10, p. 3-12, Madrid, primavera 2005.

GARCÍA, C.; GRECO, M. (orgs.). *Escribidores y naufragos: correspondencia, Ramón Gómez de la Serna / Guillermo de Torre, 1916-1963*. Madrid; Frankfurt am Main: Iberoamericana; Vervuert, 2007, 457p.

GELADO, V. O manifesto como gênero discursivo. Manifestos da vanguarda europeia e latino-americana. *Poéticas da transgressão: vanguarda e cultura popular nos anos 20 na América Latina*. Rio de Janeiro, 7Letras, São Carlos: EdUFSCar, 2006, p. 37-62.

GILMAN, C. Florida y Boedo: dos vanguardias que no hacen una. In: VIÑAS, D. *Historia social de la literatura argentina*. Buenos Aires: Contrapunto, tomo VII, 1989, p. 53-6.

GIRONDO, O. [originalmente anónimo]. Manifiesto Martín Fierro, *Martín Fierro*, n. 4, p. 1-2, 15/05/1924.

GÓMEZ DE LA SERNA, R. Fantasmagorías, *Martín Fierro*, n. 27-28, 10/05/1926.

\_\_\_\_\_. *Retratos contemporáneos, Obras completas XVII*. Zlotescu, I. (ed.), Barcelona: Galaxia Gutenberg, 2004.

\_\_\_\_\_. "Salutación", *Martín Fierro*, n. 19, 18/07/1925.

GONZÁLEZ BOIXO, J. C. El meridiano intelectual de Hispanoamérica, *Cuadernos hispanoamericanos*, n. 459, p. 166-71, sep. 1988.

GROPP, N. La vanguardia histórica en el Río de la Plata y Ramón Gómez de la Serna. Encuentros y desencuentros (1922-1931). *Boletín de la Academia Nacional de Letras*, Montevideo, n. 11, tercera época, p. 75-117.en-jun. 2002.

HOMENAJE a Ramón, *Martín Fierro*, n. 19, 18/07/1925.

SALAS, H. Revista Martín Fierro: el salto a la modernidad. *Lecturas de la memoria*. Buenos Aires: FCE, 2005.

- IBARRA, N. *La nueva poesía argentina. Ensayo crítico sobre el ultraísmo*. Buenos Aires: edição do autor, 1930.
- MARECHAL, L. Luna de enfrente de Jorge Luis Borges, *Martín Fierro*, n. 26, p. 4, dic. 1925.
- MARIANI, R. Martín Fierro y yo, *Martín Fierro*, n. 7, 25/07/1924.
- MICELI, S. Jorge Luis Borges: história social de un escritor nato, *Novos Estudos*, CEBRAP, n. 77, p. 155-82, mar. 2007.
- OLIVARI, N. Madrid, meridiano intelectual Hispano América, *Martín Fierro*, n. 42, 10/06-10/07/1927.
- PEREIRA LAHITTE, J. A. Généalogie de Borges. In: DE ROUX; DE MILLERET (comps.), *Jorge Luis Borges*. Paris: L'Herne, 1981, p. 156-8.
- PIÑERO, S. Inquisiciones, por Jorge Luis Borges, *Martín Fierro*, n. 18, junio 1925, p. 4.
- Proa, *segunda época*, 1924-1926.
- RAMÓN, *Martín Fierro*, n. 27-28, 10/05/1926.
- SARLO, B. Sobre la vanguardia. Borges y el criollismo, *Punto de vista*, n. 11, p. 3-8, mar.-jun. 1981.
- \_\_\_\_\_ Vanguardia y criollismo: la aventura de *Martín Fierro*. In: ALTAMIRANO; SARLO, *Ensayos argentinos. De Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires: Ariel, 1997, p. 211-260.
- SOTO, L. E. Verbalismo pintoresco, *La Campana de Palo*, Buenos Aires, n. 2, p. 25-8, jul. 1925.
- SUPLEMENTO explicativo de nuestro Manifiesto, a propósito de ciertas críticas, *Martín Fierro*, n. 8-9, 06/09/1924.
- VÁSQUEZ, K. R. Redes intelectuais hispano-americanas na Argentina de 1920. Trad. S. Miceli e E. Guilhon, *Tempo social*, v. 17, n. 1, p. 55-80, junho de 2005.
- VIDELA RIVERO, G. Los ángeles de Borges. *Homenaje a Jorge Luis Borges*. Buenos Aires: Academia Argentina de Letras, 1999, 267p.